

# COMPLICAÇÃO

As ondas indo, as ondas vindo—as ondas indo e vindo sem parar um momento,  
As folhas nascendo e morrendo em cada 365 dias,  
As horas atrás das horas por mais iguais sempre outras,  
e ter de subir a encosta para a poder descer,  
e ter de vencer o vento,  
e ter de lutar...  
Um obstáculo para cada novo passo depois de cada passo,  
e as complicações, os atritos, para as coisas mais simples  
até para a pronúncia duma simples vogal...  
E o fim sempre longe, mais longe, eternamente longe...

Ah mas antes isso.

Ainda bem que o mar não cessa de ir e vir constantemente.  
Ainda bem que tudo é infinitamente difícil.

Ainda bem que temos de escalar montanhas e que elas vão sendo cada vez mais altas.

Ainda bem que o vento nos oferece resistência  
e o fim é infinito.

Ainda bem.

Antes isso.

50.000 vezes isso à igualdade eterna, seca, estéril, fútil da planície.

## MÁRIO DIONÍSIO

### No solar de Penha Longa

(Continuação da página anterior)

Desta arte pensando, uma noite disse ela ao marido:

—José, eu tenho matutado na vida e cheguei a isto: da novena de filhos que o Senhor nos deu nem um só tem madrinha que se veja. Tudo uma data de pobretonas.

—E' verdade, concordou o homem.

—Temos sido uns tolos chapados.

—Isso é assim, mulher.

—Ai, quem nascera ensinado!

Ao fim de boa hora de exclamações, rodeios, lamentos, ela fê-lo senhor, enfim, de seu projecto.

O homem coçou a cabeça:

—O pior é se não tenho coragem de lhe falar!

Porque os homens se fizeram para as ocasiões, porque mais isto e mais aquilo, convenceu-o ela a dar o passo arriscado. E ao outro dia, logo que viu Florina no bosquezinho, abeirou-se-lhe.

A custo disse ao que ia—olhos pregados no chão, dedos amarranhando o chapéu. Mas ela, mal ouvira a palavra filho pôs-se a pé, interessada. E já a andar:

—Venha, quero vê-lo.

Na semi-obscuridade do casebre não se fartou de admirar aquele dez reis de gente verme-lusco e mole, todo enrodilhado em cueiros sujos. E de regresso, sózinha, sentia em sua alma erma de afeições uma inveja medrar contra aquela mulher gasta e tão pálida e magra na enxérga miserável.

Voltou. Para verem a Senhora os descendentes do jardineiro aguardavam-na à porta da choupama, em fila. Ela, vendo tantos, espan-

tou-se. E, em seu espírito, uma ideia surgiu, confusa.

Recolheu a casa, pensativa. E toda a tarde e toda a noite meditou. Ao outro dia levantou-se cedo. Da janela, mal viu o jardineiro a regar as flores, em balço, desceu, abordou-o, e sem uma tremura na voz, calmamente, disse-lhe para a esperar no bosque, junto à gruta, à meia noite. Depois subiu, e toda a manhã orou.

Quando o relógio bateu a meia noite já Florina esperava encostada a um tronco. Cismava em mil coisas distantes e vagas. De repente, dos lados do pomar, veio um ruído seco de gravetos pisados.

—E' o José?

—Sim, minha senho...

—Não fale. Chegue-se para aqui, para a minha beira. Mais...

Não corria ponta de aragem. Nas profundezas leitosas do céu estrelas luziam. Para os campos ouvia-se a orquestração dos raios. Uma voluptuosidade espessa enrodilhava seres e coisas.

Florina não descera mais ao bosquezinho de loureiros e carvalhos musgosos.

Certa manhã, ia mês corrido, uma alegria esplendida iluminou-lhe a face. Deus bemdito, ia ser mãe! Ser mãe!... Chorou. Lágrimas de ventura, mansas, silenciosas. Enfim, teria a sua casinha lá longe, à beira dum regato, entre árvores.

O seu filho—o seu filho!—brincaria na erva, à sua beira...

...E, quando tudo dormia, caminhou na noite, cabeça alevantada, serena e feliz...

Teechos selectos

dos principais filósofos contemporâneos

## DE MARCEL BOLL:

### Determinismo, Contingencia, Fatalidade em Psicologia

in *Erkenntnis*, Annalen der Philosophie, Bd. XIV, Heft 5/6—1936.

I. As discussões recentes sobre os limites da causalidade e a extensão arbitraria dos resultados da microfísica à psicologia afectiva exigem um novo inventário das noções fundamentais da filosofia científica.

2. Contrariamente a certas tendências da hora presente, o conceito de base não é o de causalidade mas sim de determinismo (inter-dependencia) — muito mais geral.

O determinismo compreende, com efeito, como casos particulares: a causalidade, a finalidade, a incerteza (contingencia) e a fatalidade (necessidade).

3. O determinismo corresponde à noção de **função matemática**. Em termos mais precisos, todo o conhecimento se resolve num **enunciado gramatical**, que, nos casos mais favoráveis, pode tomar a forma de uma função entre muitas grandezas mensuráveis. A relação é o limite ao qual vai dar a análise do nosso saber: os objectos, os fenómenos, as ideias não são definidas senão por relações. Para além da relação **não há nada** formulável nem concebível. (+)

4. Uma relação chama-se **causal** (e é a única definição precisa), quando um dos seus termos é o tempo. Paralelamente uma função é causal, quando contém explicitamente a variável *t*.

A relação de causa e efeito não é assim senão um caso **muito particular** do determinismo, por muitas razões, de que eis as principais:

a) O papel do tempo encontra-se singularmente reduzido pela teoria da Relatividade, pois que não é já senão um componente do universo (espaço-tempo).

b) Existe uma multidão de relações extra-temporais (co-existen-

(+) Confira: Abel Salazar, «Ensaio de Psicologia Filosófica», 1915, Porto. Tese de dout. Neste livro o autor desenvolve precisamente esta teoria da relação, bem como uma teoria do livre-arbitrio análoga à de M. Boll.

cia) em que não se poderá falar de causalidade (sucessão). Quem poderia, por exemplo, pretender que «os comprimentos dos lados de um rectângulo são a causa do valor numérico da sua superfície»? Ou que «o volume de uma massa gaseosa é a causa da sua pressão?»

c) Na linguagem gramatical, a relação de causa-efeito fica ambígua, porque a causa não é as mais das vezes senão um dos multiplos factores que determinam um fenómeno. A importancia atribuida a esse factor provem sempre de intenções que nada tem de comum com a descrição objectiva.

5. As mesmas objecções valem contra a **finalidade** (relação de meio para fim) que e habitualmente considerada como uma determinação do presente pelo futuro.

Mas aqui apresenta-se uma circunstancia agravante, que tem provocado inumeros abusos de termos. Um exame imparcial dos factos mostra que se não pode falar de finalidade intencional senão nos organismos conscientes, isto é, dotados notavelmente de memória e de imaginação. Fisicos improvisados em psicólogos não temeram evocar a «livre escolha da natureza», o que vem a ser dotar a «natureza» com um sistema nervoso! Tanto valeria explicar a combustão do enxofre no ar por uma «inclinação» do oxigénio, junta a um «desprêso» pelo azoto...

Segue-se que o antropomorfismo está na base das noções de causalidade e de finalidade.

6. A contingencia traduz-se por dois tipos de relações matemáticas, que são de resto reductíveis uma à outra. Uma encerram um coeficiente de probabilidade, como a função de Kramp—Laplace—Gauss. As outras dizem respeito a grandezas que podem tomar valores aleatórios, como as relações de incerteza de Heisenberg. E sabe-se a ligação profunda que existe entre o calculo das probabilidades e a microfísica. Abaixo (8) falaremos da contingencia em psicologia.

7. A fatalidade traduz-se igualmente por relações matemáticas precisas. Há fatalidade quando certas derivadas são **identicamente nulas**: derivada em relação a um coeficiente de probabilidade, ou em

relação ao factor tempo. Como exemplo podemos mencionar a superfície de uma esfera que é fatalmente determinada, uma geometria dada, quando damos o raio. Poder-se-se-ia igualmente citar certas constituições psicopáticas, como a ciclotimia, ou tendência à oscilação entre agitação e torpor, entre alegria e tristeza; neste sentido o fatal é sinónimo de «imodificável» (no estado actual dos conhecimentos humanos, bem entendido).

8. Posto isto é possível fornecer algumas indicações sobre o problema do livre-arbitrio, que nada tem que ver com os dados da microfísica, contrariamente ao que se tem afirmado nestes ultimos tempos.

Muitos autores tem apresentado sobre a questão observações judiciosas: «O nosso sentimento do livre-arbitrio reduz-se à ignorancia em que estamos das cousas que determinam nossas acções, unida à consciencia que temos dessas acções». (Spinoza). «Nossas acções dependem de duas espécies de razões: umas são os motivos conscientes em relação aos quais nos determinamos; as outras são disposições inconscientes do nosso carácter, que nos impelem à acção. Actuando ignoramos estas; daí a **illusão** de uma dependencia que não possuímos». (Leibnitz). «Em psicologia, a ambiguidade dos futuros é sempre uma **aparência**, que deriva de que fazemos abstracção de uma circunstancia determinante». (Goblot).

No que nos diz respeito, propomos a conclusão seguinte: o livre-arbitrio é o aspecto subjectivo sob o qual o fatalismo de certos factos e o determinismo das leis naturais se apresentam espontaneamente a nós.

9. A psicologia experimental está em ligação estreita com a epistemologia: permite analisar as tendências místicas que se insinuam nas investigações objectivas para sugerir afirmações extra-científicas. Para se dar um exemplo, que se liga às nossas preocupações actuais, não se trata tanto de saber em que medida a teoria dos Quanta nos traz uma justificação, a illusão do livre-arbitrio, como de saber porque processos psicóicos, astronomicos e fisicos foram conduzidos a «resolver» um problema aparente.